

DOSSIÊ TEMÁTICO: Ensinar e aprender: metodologias e estratégias



**MANDALAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM:
SABERES E SABORES NA FORMAÇÃO DOCENTE**

PEDAGOGICAL MANDALAS IN TEACHING-LEARNING PROCESS: KNOWLEDGE
AND FLAVORS IN TEACHING TRAINING

MANDALAS PEDAGÓGICAS EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE:
CONOCIMIENTOS Y SABORES EN LA FORMACIÓN DOCENTE

Lúcia Gracia Ferreira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Brasil
Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil

Resumo: Este artigo perspectiva pensar as contribuições das metodologias e estratégias de ensino para a formação docente. Tem por objetivo descortinar as experiências referente a utilização na prática pedagógica e no processo de formação docente, de uma técnica de ensino e sua flexibilidade. Ainda buscamos conhecer a influência e a colaboração dessa técnica que convencionamos chamar de mandalas pedagógicas. Esta foi utilizada tanto na formação inicial quanto continuada; tanto no ensino quanto na pesquisa; visando a (re)construção de saberes e aprendizagens plurais. Constatamos que como estratégia pedagógica as mandalas pedagógicas são provocadoras de diálogos e contribuem para ultrapassarmos a simples reprodução de conteúdo e se mostraram como hábeis, principalmente, por explorar as dimensões artísticas e estéticas. Neste âmbito, as dimensões profissionais foram exploradas para compor o cotidiano dos espaços de formação e o processo formativo.

Palavras-chave: Ensinar. Aprender. Docência. Processo formativo.

Abstract: This article intends to consider about the contributions of teaching methodologies and strategies to teacher education. It aims to reveal the experiences regarding the use of a teaching technique and its flexibility in pedagogical practice and in the process of teacher training. We also seek to know the influence and collaboration of this technique that we call pedagogical mandalas. It was used in both initial and continuing training, both in teaching and in research aiming at the (re)construction of plural knowledge and learning. We found that, as a pedagogical strategy, pedagogical mandalas are raising dialogues, contributing to overcome the simple reproduction of content and showed themselves as being able, mainly, to explore the artistic and aesthetic dimensions. In this context, the professional dimensions were explored to compose the daily life of training spaces and formative process.

Keywords: Teaching. Learning. Education. Formative process.

Resumen: Este artículo pretende reflexionar sobre las contribuciones de las metodologías y estrategias de enseñanza a la formación docente. Su objetivo es revelar las experiencias sobre el uso en la práctica pedagógica y en el proceso de formación docente de una técnica de enseñanza y su flexibilidad. Además, buscamos conocer la influencia y colaboración de esta técnica que llamamos mandalas pedagógicas. Esta fue utilizada tanto en la formación inicial como en la continua, tanto en la docencia como en la investigación, apuntando a la (re)construcción de conocimientos y aprendizajes plurales. Encontramos que, como estrategia pedagógica, las mandalas pedagógicas provocan diálogos, contribuyen a superar la simple reproducción de contenido y se muestran como capaces, principalmente, de explorar las dimensiones artísticas y estéticas. En este contexto, se exploraron las dimensiones profesionales para componer el día a día de los espacios de formación y del proceso formativo.

Palabras clave: Enseñar. Aprender. Enseñanza. Proceso formativo.

Introdução

A formação de professor deve ser um tema em discussão constantemente; debates precisam ser realizados pela relevância da temática. Assim, propomos, neste artigo, reflexões sobre o processo de formação docente, mais especificamente, possibilidades de inovações na prática pedagógica a partir de experiências concretas. Desse modo, este texto tem por objetivo descortinar as experiências referente a utilização na prática pedagógica e no processo de formação docente, de uma técnica de ensino e sua flexibilidade.

Este artigo perspectiva pensar as contribuições das metodologias e estratégias de ensino para a formação docente. Ainda buscamos conhecer a influência e a colaboração dessa técnica que convencionamos chamar de mandalas pedagógicas. Esta foi utilizada tanto na formação inicial quanto continuada; tanto no ensino quanto na pesquisa; visando a (re)construção de saberes e aprendizagens plurais.

Formação docente: processo de ensinar e aprender

Formar professores para atuarem na mudança e a favor dela, no atual cenário, exige dos formadores muita criatividade. Nessa perspectiva, “investigar a arte de ensinar” (WOODS, 1999) faz muito sentido, visto que debates precisam ser realizados; reflexões realizadas; e, soluções buscadas para atender as demandas da contemporaneidade. Ao introduzir a questão (o tema o livro), Woods (1999, p. 27) já nos instiga a pensar.

O ensino é uma ciência ou uma arte? Esta questão, revestindo-se de diferentes formas, há muito que intriga todos aqueles interessados na educação. Essencialmente, o debate centra-se sobre a questão de o ensino ser uma atividade relativamente à qual se podem identificar algumas leis ou

princípios gerais, podendo ser entendido em termos científicos, facultando processos de planejamento ou de previsão ou, ao invés, se se trata de um processo essencialmente individualista, intuitivo e espontâneo, implicando tantos factores que se torna impossível especificar linhas gerais de direcionamento. Desta questão a uma outra bastante popular e intrigante vai apenas um pequeno passo: nasce-se ou aprende-se a ser professor. Podemos basear-nos no conhecimento e na sabedoria acumulados para fazer sempre melhor. Caso se baseie essencialmente em competências intrínsecas, instintos, na imaginação e na emoção, pode-se, então, argumentar que as pessoas são ou não dotadas destas capacidades.

Este debate pode, igualmente, e até certo ponto, ser identificado com a questão progressivo-tradicional, que comporta algumas implicações para a prática do professor.

Nesse interim, Roldão (2007) nos chama atenção que ensinar é uma especificidade profissional do professor. Segundo a autora, é a ação de ensinar que caracteriza o docente e levanta o debate que o conceito de ensinar, ainda gera reflexões em torno do “‘professar um saber’ e o ‘fazer outros se apropriarem de um saber’ – ou melhor, ‘fazer aprender alguma coisa a alguém’” (p. 94). Com isso, a discussão sobre o ensino transmissivo e ativo volta e a tona vem a questão que “a função específica de ensinar já não é hoje definível pela simples passagem do saber, não por razões ideológicas ou apenas por opções pedagógicas, mas por razões sócio-históricas” (p. 95). Ou seja, no ensino, os vários aspectos que o envolvem devem ser avaliados em seu desenvolvimento.

Dessa forma, o ensino deve ser mediado e essa aprendizagem deve se dar no processo de formação (inicial, continuada, autoformação), pois é no âmbito da formação do professor que este deve (ou pelo menos deveria) aprender a ensinar (além disso ocorrer também em outros espaços), pois a formação é esse lugar privilegiado de aprendizagens plurais.

Para Roldão (2007), ensinar é entendido como “fazer aprender alguma coisa a alguém”, ou seja, há um processo, o processo ensino-aprendizagem, e é necessário que haja o destinatário da ação. Desse modo ensinar e aprender são aspectos de um mesmo processo e envolve ensinantes e aprendentes.

Nesse âmbito, na formação docente, os fundamentos didáticos-pedagógicos são considerados bases do processo de ensino e aprendizagem e envolve escolhas de procedimentos, técnicas, estratégias, recursos que mobilizam a construção do conhecimento. Estes envolvem o planejamento.

Para Moretto (2014), “aprender é construir significado” (p. 48) e “ensinar é mediar esta construção” (p. 50). Concordamos que estar imerso num processo formativo envolve ensinar-aprender, envolve transformações. Assim, para ensinar não basta, simplesmente

assumir a sala de aula, esta deve ser espaço de construção de conhecimento e de mediação didática; não basta, simplesmente, reproduzir modelos e protótipos, é preciso inovar.

Não podemos esquecer que a sala de aula é um espaço de formação docente. É claro que no âmbito da formação não daremos conta de todas as situações a que podemos estar expostos como professores (ou futuros professores) nem de todos os desafios postos na prática pedagógica. “A sala de aula e a escola podem favorecer o aperfeiçoamento profissional do professor, na medida em que ele considere as práticas que aí acontecem como objeto de análise, tendo em vista a proposição de alternativas que qualifiquem o ensino e melhorem a aprendizagem” (GARRIDO, 2012, p. 126).

Precisamos repensar o sentido do trabalho do professor, lembrando que este trabalho deve estar em consonância com as condições para o seu desenvolvimento e a formação do professor, e deve favorecer o processo ensino-aprendizagem.

Dentre os objetivos da educação hoje estão ensinar e aprender e precisamos avançar para alcançá-los. Portanto, a formação torna-se elemento imprescindível para tal. Perin, Martinez e Arantes (2009) ressaltam que a formação universitária é importante para a formação do professor e que esta inclui práticas nas salas de aulas para aprendizagem profissional e que são verdadeiros laboratórios, ambiente de aprendizagem e convivência.

Aprendemos, como professor, que é necessário, nesses ambientes, proporcionar aos sujeitos participantes do processo experiências culturais diversificadas, aprendizagens com o concreto. É desse modo que somos (ou pelo menos deveríamos ser) formados, pois ensinar e aprender são elementos indivisíveis da formação docente; são intrínsecos da formação.

Desse modo, formar o professor envolve construções e desconstruções na formação profissional. Implica pensar a superação de modelos como processo-produto, transmissional, tradicional e avançarmos para abordagens de ensino-aprendizagem que favoreçam aprendizagens e possibilite o diálogo e a reflexão. Para essa superação exige-se conhecimento e para construção de conhecimento exige-se formação que tende a favorecer o “amadurecimento” profissional docente.

Sobre o papel do professor, Bolzan (2009, p. 20) aponta que “a medida que observamos como os professores aprendem, podemos compreender porque ensinam dessa ou daquela maneira”. Ressalta que as motivações do professor implicam no seu pensamento e ação. Isso mostra que “há uma relação direta entre a ação do professor, a conduta e o rendimento dos alunos. Dessa forma, interação e mediação são fatores preponderantes na construção do conhecimento compartilhado dos alunos e dos professores” (p. 21).

Defendemos que a formação pode (e deve) levar o sujeito que está sendo formado a pensar nesse processo que envolve professor e aluno e que ensinar e aprender são elementos recíprocos. Aprendo para ensinar, aprendo ao ensinar e ensino ao aprender.

Estratégias para ensinar e aprender: as mandalas pedagógicas nesse processo

Em sala de aula, no processo ensino-aprendizagem, os professores buscam alcançar os objetivos da educação que envolve a mediação didática e que os alunos construam conhecimentos. Para tal, o professor se utiliza de métodos e técnicas, ou seja, meios para fazer com que isso aconteça.

Sant'Anna e Menegolla (2013); Veiga (2011, 2012, 2013, 2017), Rangel (2013), listam métodos e técnicas variadas, que (muitas) são bastante conhecidas. Estas podem ser realizadas em grupo ou individual e são problematizadas e contextualizadas nos vários estudos expostos. Hurtado (2015) também contribui nesta perspectiva quando relata estratégias organizacionais e didáticas, visando atender a diversidade dos alunos.

Nessa perspectiva, exponho aprendizagens e experiências da (auto)formação onde foram utilizadas as mandalas pedagógicas no processo de ensinar e aprender como estratégia didática. As estratégias didáticas ou de ensino-aprendizagem, aqui são tomadas como sendo técnicas que são utilizadas pelos professores para se alcançar o objetivo de o aluno construir conhecimento com assimilação do conteúdo. Ainda, se configura como a exploração de meios para possibilitar condições favoráveis de construção do conhecimento e seu compartilhamento. Com essas estratégias recursos são utilizados. Desse modo, a técnica aqui utilizada foi das mandalas pedagógicas, termo cunhado por mim, no meu processo de aprendizagem e formação com essa técnica.

No meu processo de aprendizagem, principalmente, no âmbito do mestrado, doutorado e pós-doutorado métodos e técnicas vem sendo aprendidas (e apreendidas) e adaptadas para o ensino e a formação. No período do mestrado aprendi sobre as histórias de aprendiz, metodologia utilizada numa disciplina, e que utilizei por três anos (2012, 2013 e 2014) no curso de extensão (Formação de professores: desafios da contemporaneidade) desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Itapetinga, cuja experiência de sua utilização está relatada em Ferreira (2015).

O primeiro contato com essa técnica foi em 2014, no âmbito do Pós-doutorado realizado na Universidade Federal da Bahia, na disciplina Docência no Ensino Superior

(ministrada para alunos do mestrado e doutorado em Educação). A professora supervisora, através de quem tive contato com técnica, solicitou um trabalho para os alunos e estes apresentaram. Desde então, venho utilizando e adaptando a técnica no ensino e na pesquisa; as diversas disciplinas que ministro e em formação continuada.

Sabemos que as mandalas são essencialmente círculos. No âmbito deste trabalho elas foram apresentadas como mandalas pedagógicas e uma metodologia de ensino cujo foco é a rede de saberes (BRASIL, 2009), ou seja, o diálogo que ela proporciona entre os vários elementos contidos no círculo, mostrando que a aprendizagem não é linear, mas cíclica, pois se renova, se constrói e é reconstruída constantemente.

Segundo Dahlke (2007, p. 47):

A palavra “mandala” vem do sânscrito, sendo, portanto, de origem oriental. [...] Na consciência da maioria das pessoas, as mandalas têm efetivamente algo de oriental. Isso, contudo, nem sempre foi assim [...]nem precisava ser, pois as mandalas encontram-se igualmente nas raízes de todas as culturas e vivem nas raízes de todo ser humano.

Portanto, mandala literalmente significa círculo. Essa, como círculo da essência, vem sendo proposta, pedagogicamente, como integração e articulação de saberes e vem integrando vários Programas de Ação do Governo Federal para a apresentação da educação integral. Assim:

A Mandala de Saberes que o programa Mais Educação apresenta, como uma estratégia possível para o diálogo de saberes, na perspectiva da educação integral, nasceu no Rio de Janeiro, em meio ao estado de sítio que cerca as favelas cariocas, em uma experiência de educação integral realizada por meio de ações dos Ministérios da Educação e da Cultura. Na Casa das Artes, um grupo de educadores com diferentes experiências e formações criou um instrumento capaz de orientá-lo frente aos desafios pedagógicos que enfrentava (BRASIL, 2009, p. 23).

É dessa maneira que as mandalas vêm ocupando os espaços educacionais. Ela é uma representação simbólica e da totalidade, que articula o interior e o exterior, integrando. Ela tem suas peculiaridades e se diferencia uma da outra pelas suas características. Com isso:

Por que uma Mandala? A Mandala, como todos sabem, é o símbolo da totalidade (aparece em diversas culturas primitivas e modernas) e representa a integração entre o homem e a natureza. O psicanalista e estudioso de símbolos Carl Jung afirmou que a Mandala retrata as condições nas quais construímos nossa experiência humana, entre o interior (pensamento, sentimento, intuição e sensação) e o exterior (a natureza, o espaço e o cosmo). Presente em civilizações distintas como a egípcia, grega, hindu, chinesa, islâmica, tibetana, azteca, européia e aborígine de vários

continentes, as mandalas têm um importante papel na formação do imaginário humano. No Brasil está presente em várias obras e monumentos, desde a catedral de Brasília até as obras de Rubem Valentim, entre outros.

Ela foi escolhida pelo grupo por representar inúmeras possibilidades de trocas, diálogos e mediações entre a escola e a comunidade (BRASIL, 2009, p. 23).

As relações se fazem presentes nesses símbolos em busca de redes em diversas dimensões. Nas ações pedagógicas, se configuram como ações individuais de saberes maiores, coletivos que estão em relação, constantemente.

A construção de saberes a partir dessa técnica deu-se na perspectiva da abordagem ludo-sensível. Muitas representações foram postas e constataram o aspecto formativo, os sujeitos foram envolvidos com a/na produção da mandala e se envolveram nessa produção. Para tal, tanto no aspecto do ensino quanto da pesquisa e formação, eram levados os círculos já cortados, em cartolina, de diversos tamanhos e cores para utilização. Também levávamos materiais como lápis de cor, giz de cera, tesoura, cola, miçangas, fitilho, retalhos de tecidos, botões, barbante, revistas, jornais e “bugigangas” gerais que eram aproveitadas na confecção das mandalas.

Sempre no processo de confecção das mandalas eram expostas a intenção e o que deveria ser representado. Não era qualquer coisa que deveria ser representado. Os participantes do processo eram convidados a produzir determinado aspecto que envolvia tanto a vida pessoal como profissional, ou aprendizagens.

No ano de 2014, criei o jogo “manjogodala” explicado no trabalho “Manjogodalas: perspectivas e aprendizagens através do jogo avaliativo das mandalas pedagógicas” apresentado no I Encontro de Jogos Didáticos da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Este jogo teve por objetivo avaliar a aprendizagem dos alunos e para sua confecção foram utilizados: cartolina, papel madeira, giz de cera, lápis de cor, hidrocor, piloto, cola, isopor, tinta guache, pincel, TNT. A regra consistia em cada pessoa ter sua vez de retirar a fita colada na mandala que deveria ser retirada na ordem. Poderia ser trabalhado em dupla também para estimular o trabalho com o outro, o trabalho coletivo.

Trata-se de um jogo avaliativo, onde o objetivo é verificar o que o aluno aprendeu. Mas diferente dos vários instrumentos avaliativos, esse o aluno mostra que aprendeu ou não brincando. Portanto, qualquer conteúdo de qualquer disciplina pode ser trabalhado no jogo. A ideia do jogo é a promoção de problemas para serem solucionados. O tempo é flexível, dependendo do assunto a ser abordado. Errar ou acertar é o que menos importa, o professor deve ficar atento, pois o que mais conta é o que o aluno aprendeu do assunto que foi sendo

abordado. Deve-se confeccionar uma mandala (um círculo) e estimular a rede de saberes, onde os vários saberes produzidos nas mandalas dialogam. A mandala pedagógica é colocada no chão, cada aluno tem um número, e todos os alunos podem fazer parte do jogo ao mesmo tempo. A mandala deverá ter três divisões e um centro (lugar do prêmio). Vamos exemplificar. A extremidade da mandala pode ser vermelha (onde conterà problemas de fácil resolução), a parte do meio verde (onde conterà problemas de média resolução) e a parte mais próxima do centro amarela (onde conterà problemas de difícil resolução). No centro ficará apenas uma caixa com o prêmio (que ficará a critério do professor). Marca-se um ponto de início do jogo na parte vermelha que poderá correr tanto da direita para a esquerda, quanto da esquerda para a direita, pois ao se esgotar todas as fitas da parte vermelha chegar-se-á ao mesmo ponto – ao do início do jogo. O aluno número um começa a jogar retirando da mandala a primeira fita colada ou amarrada. Cada fita tem um problema para ser resolvido do tema abordado em sala de aula. A resolução acontece oralmente com o auxílio do quadro. A fita deve ser retirada por ordem (essa é uma das regras). Se o aluno um acertar a primeira ele deve retirar a segunda fita, se ele errar a segunda o aluno número dois será convidado para resolver o problema que o aluno número um errou. Assim, acontecerá com todos. Quando se esgotar todas as fitas da parte vermelha o aluno que tem a vez irá retirar a primeira fita da parte verde e seguirá a mesma regra. Posteriormente, os alunos chegarão na parte amarela e ficarão mais próximo do prêmio. Sugerimos que o prêmio seja algo que possa ser dividido com todos os alunos para estimular a coletividade, a solidariedade e a sensibilidade. Na caixa também haverá, além do prêmio, uma frase estimulando essa partilha. O jogo avaliativo das mandalas pedagógicas deve estimular a liberdade, o prazer, o respeito, a coletividade, a interdisciplinaridade e deve abarcar em suas regras e procedimentos a realização com a abordagem de qualquer conteúdo (disciplina ou área de conhecimento).



Figura 1: Manjogodaldas.

No ano de 2015, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), estimei os alunos a apresentarem os trabalhos da disciplina da graduação “Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Escolares” em forma de mandalas. Nas duas turmas em que realizei este trabalho o objetivo foi alcançado; os alunos aprenderam uma técnica didática e mostraram que aprenderam o conteúdo referente a disciplina ministrada e expuseram aos colegas da turma.

Na perspectiva da pós-graduação, utilizei as mandalas pedagógicas no Curso de Especialização na Universidade do Estado da Bahia. Para estes alunos, as mandalas pedagógicas foi apresentada como uma metodologia de ensino onde foi possível representar, nelas, as discussões (reflexões e aprendizagens) realizadas (construídas) na disciplina. Assim, as mandalas pedagógicas foram propostas no Curso de Especialização, por entendermos que as várias culturas se dialogam entre si e com os currículos escolares, portanto são produtoras de experiências. Estas foram construídas pelos alunos e nelas estavam representadas as suas aprendizagens. Abaixo, a figura 2:



Figura 2: Mandalas - Especialização.

Na figura 2 está uma mandala móvel, são círculos sobre círculos que se movimentam um sobre o outro e neles de modo indutivo, representam do centro para as bordas, aspectos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Ensino deste da educação Profissional. Esta foi montada como sendo uma representação mais visual o que textual, com figuras e cores e com a Educação de Jovens e Adultos como assunto central.

Nas mandalas há sempre um lugar de partida, e isso representa também um pouco de como pensamos e fazemos. Muitos começam uma mandala do centro, outros das extremidades, ou seja, uns vão do centro para as extremidades e outros das extremidades para o centro. Mas, independente disso, nela estão pontos em comum, saberes, diálogos e relações. Aprendemos e ensinamos com ela. O que está na extremidade da mandala não é menos importante do que o que está no centro, pois o centro só se faz centro pela existência da extremidade; a mandala é relação; é conexão; é totalidade. Um todo de importância e essência.

Nessa perspectiva, Dahlke (2007, p. 285) aponta que:

[...] vamos agora nos dedicar inteiramente ao jogo com as mandalas. Sendo a própria imagem do jogo cósmico, ela naturalmente é apropriada para brincar – no sentido em que as crianças brincam – mas também para que os adultos “aprendam” novamente a brincar. “Aprender” pode dar origem aqui a mal-entendidos, visto que o associamos quase sempre ao esforço. Nesse sentido, seria mais correto dizer: a mandala pode ajudar a recuperar ludicamente a capacidade de brincar.

Procuramos com essas construções despertar nos/dos alunos a perspectiva estética, a capacidade de criação, resgatando os aspectos lúdicos, muitas vezes, presos em metodologias de ensino nada autônoma e pouco coletiva.

No contexto do trabalho realizado com as mandalas, estas foram apresentadas como mandalas pedagógicas e uma técnica didático-pedagógica cujo foco é a rede de saberes, ou seja, o diálogo que ela proporciona entre os vários elementos contidos no círculo, mostrando que a aprendizagem não é linear, mas cíclica, pois se renova, se constrói e é reconstruída constantemente.

No ano de 2015 também apresentei no Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos da UESB/Itapetinga essa técnica, aos integrantes, para que pudessem criar suas mandalas e utilizar nos diferentes âmbitos do processo de formação. Mandalas com movimento, sobreposição, de abertura lateral foram apresentadas por eles. E foi de fato utilizado na formação. Os alunos utilizaram a mandala para apresentar trabalhos, ao invés de utilizar a apresentação em slides.

No âmbito da pesquisa, em 2015, desenvolvi a pesquisa “Docência e Formação: a profissionalidade dos professores universitários iniciantes”. Esta foi desenvolvida com os professores através do Ateliês Biográficos de Projeto, e neste, uma das etapas foi realizada utilizando as mandalas pedagógicas como técnica da dimensão sensível. O tema explorado

através das mandalas foi: o papel da universidade na consolidação da carreira dos professores iniciantes e para a construção da profissionalidade. Buscou conhecer como vinha sendo esse período inicial da docência e foi solicitado que os participantes, caso quisessem, contassem uma situação de sala de aula que mostrava a construção do *habitus* professoral no início da docência. Os participantes foram convidados a construir uma mandala (auto)biográfica com materiais diversos.



Figura 3: Mandalas - Pesquisa.

Como representação, a primeira imagem da figura 3, mostra, conforme relatado pelo professor 1 que a produziu que nesse início da docência ele enxerga sua sala de aula a deriva (como o barco na extremidade da mandala) e que se sentiu que caminha a passos lentos (por isso o barco demoraria para chegar na outra extremidade) para chegar até os alunos, estabelecer a relação. Sobre a segunda imagem o professor 2 relatou que o professor no centro com o pé na bola representa sua importância e que a sala de aula é um lugar de intersecções, aprendizagens. E o professor 3 (terceira imagem), relatou que a universidade no centro representa sua importância e seu lugar da diversidade e que na sala de aula ele conta muito com o diálogo para desenvolver seu trabalho; que neste espaço o outro é essencial para socialização.

No período de 2016 a 2018 participei como professora formadora do Programa de Formação Pedagógica do docente da Universidade Federal da Bahia (UFBA), O Ateliê Didático. Nos ateliês, propomos a construção das mandalas ao discutimos o tema “O contexto da sala de aula universitária, o professor, o aluno, e sua dinâmica”. Houve sempre o momento da construção das mandalas, a partir das representações do contexto da sua sala de aula. A discussão a partir deste artefato lúdico (mandala), buscou garantir aspectos como: O que foi representado? Onde você se insere? Que contexto é este? Como você se sentiu nessa

construção? Com isso, várias mandalas foram produzidas nesses três anos e socializadas e proporcionaram a reflexão sobre a prática e a formação.



Figura 4: Mandalas – formação pedagógica.

No ano de 2017, ministrei, juntamente com outra colega, a oficina “Mandalas Pedagógicas no ensino: saberes e sabores na formação docente universitária no VIII Encontro de Educação e Ludicidade, onde apresentamos a mandala pedagógica como dispositivo didático. Já na disciplina “Arte, Ludicidade e Formação do/a Educador/a”, ministrada para alunos do mestrado e doutorado em Educação, na Universidade Federal da Bahia, propus que cada aluno me falasse uma palavra que representasse os seguintes aspectos de suas vidas: pessoal, profissional, passado, presente e futuro. Anotei. Depois, os alunos foram convidados a construir suas mandalas, representando nela a vida, suas histórias de vida, a partir das palavras escolhidas e citadas por eles e, posteriormente, socializá-las. Eu, como professora, relatei algumas experiências com a utilização das mandalas como dispositivo de formação e construção de dados em pesquisas sobre a formação de professores, com o método história de vida. Mais recentemente, anos de 2017 a 2019, orientei uma pesquisa de mestrado cuja fonte de produção dos dados foi o Ateliê Biográfico de Projeto e a mandala foi utilizada nele como dispositivo pedagógico e de construção de dados.

Saberes e Sabores na formação docente

O trabalho com as mandalas pedagógicas é compreendido a partir da abordagem sensível na educação (D'ÁVILA; FERREIRA, 2019). Essa concepção pedagógica se configura como Pedagogia raciovitalista que remete a dimensão sensível na educação, tendo como características:

1. O saber sensível presente nas linguagens artísticas e no componente lúdico.
2. Ênfase no sujeito (educando) como ser autônomo e criativo;
3. Eixo pedagógico parte da compreensão que não há inteligibilidade sem sensibilidade;
4. As metáforas criativas devem conduzir à imaginação, ao pensar criativo;
5. Professor e alunos como mediadores (mediação didática compartilhada);
6. Vigoram métodos criativos, ativos e participativos;
7. Conteúdos regidos pelo professor em consonância com as necessidades e desejos dos alunos. (D'ÁVILA; FERREIRA, 2018, p. 35-36).

Desse modo, a ideia de desenvolvimento do trabalho com as mandalas pedagógicas é que não seja a partir da reprodução e da mecanização; pela natureza das mandalas, o trabalho já tende a ser criativo e artístico, pois nesta concepção pedagógica os processos de aprender e ensinar são compreendidos “como processos que comportam mais do que a reprodução de conceitos abstratos; incluem, para além da inteligibilidade dos conhecimentos, o saber sensível (estésico), da arte (estética) e do lúdico (a graça e a plenitude)” (D'ÁVILA; FERREIRA, 2018, p. 36). A técnica com as mandalas é assim, inclui racionalidade e sensibilidade, ou seja, aprende-se através delas.

Para o desenvolvimento de tal trabalho é necessário planejamento. Este deve ser realizado com base na relação dialética existente entre – educação/homem – educação/sociedade, isso nos remete ao questionamento: que tipo de “homens” desejo formar? Atribuir sentido a prática pedagógica e procurar repensar as dimensões técnicas e humanas contextualizando-as é necessário e o planejamento é parte disso. Também na relação teoria-prática, elaborando a reflexão didática a partir da análise e reflexão sobre experiências concretas. Assim, é necessário analisar as diferentes técnicas e metodologias de ensino-aprendizagem, explicitando seus pressupostos, o contexto em que surgiram e a visão de homem, de sociedade, de conhecimento e de educação a que responde e planejar tendo como alicerce, ainda, os processos avaliativos.

O ato de planejar exige saberes. O professor constrói saberes ao planejar e executar no cotidiano da escola e da sala de aula, na vida, nas experiências adquiridas. Estes saberes “formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão, constituem por assim dizer, a cultura docente” (TARDIF, 2014, p. 48). Deve fazer parte dessa cultura esse planejar, tendo como objetivo fazer com que os participantes do processo aprendam.

Ensinar e aprender não deve ser uma tarefa enfadonha, por isso a pedagogia raciovitalista pode e deve ser de conhecimento dos docentes e o planejar com inovações e criatividade fazer parte do arsenal de saberes docentes. A proposta que fiz aqui, e que tentei mostrar que busquei fazer através das mandalas pedagógicas, é que o processo de ensinar e aprender não seja desenvolvido como uma exigência, mas como um processo cujos frutos sejam saberes e sabores, oriundos e retomados na/para a formação docente.

Dessa forma, as representações postas é fruto das minhas aprendizagens e as mandalas se configurou como sendo uma ferramenta de auxílio ao processo ensino-aprendizagem, ou seja, estratégias pedagógicas onde devem estar presentes a interdisciplinaridade e o diálogo capazes de promover a troca entre saberes diferenciados.

Entendemos que no processo de formação e da construção da docência a prática pedagógica deve ser compreendida como uma ação reflexiva. Para Campos (2013), saber-ensinar integra saberes diferentes e variados, portanto, a formação docente deve privilegiar a formação do professor como profissional reflexivo que busca sempre refletir sobre sua ação, replanejando.

Considerações Finais

Este trabalho evidenciou a importância das experiências concretas no âmbito do processo de formação. Assim, o tema merece atenção e provocamos aqui os leitores para ampliação de escritas como estas articuladas a formação docente. Portanto, planejar o processo de ensinar e aprender para alcançar os objetivos propostos exige muito mais que roteiros prescritos, é preciso conhecimentos, saberes e criatividade.

Ainda, o diálogo é necessário, principalmente, quando envolvem experiências educativas que se articulam as práticas pedagógicas inovadoras como as propostas com as mandalas pedagógicas que se configuraram como dispositivo didático e construções que contribuíram para despertar nos participantes do processo ensino-aprendizagem a questão estética, criativa e lúdica na formação docente.

Portanto, constatamos que como estratégia pedagógica as mandalas pedagógicas são provocadoras de diálogos e contribuem para ultrapassarmos a simples reprodução de conteúdo e se mostraram como hábeis, principalmente, por explorar as dimensões artísticas e estéticas. Neste âmbito, as dimensões profissionais foram exploradas para compor o cotidiano dos espaços de formação e o processo formativo.

REFERÊNCIAS

BOLZAN, Dóris Pires Vargas. **Formação de professores**: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. 2 ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 2009.

BRASIL. **Rede de saberes mais educação**: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

CAMPOS, Casimiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAHLKE, Rüdiger. **Mandalas**: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina. Tradução Margit Martincic com a colaboração de Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Pensamento, 2007.

D'AVILA, Cristina; FERREIRA, Lúcia Gracia. Concepções Pedagógicas na Educação Superior: abordagens de ontem e de hoje. In: D'AVILA, Cristina; MADEIRA, Ana Verena (orgs.). **Ateliê didático**: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários. Salvador: EDUFBA, 2018. p.21-46.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Histórias de aprendiz: memórias, narrativas e formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. v.10, n.4, out./dez. 2015. P. 1234-1249.

GARRIDO, Elsa. In: CASTRO, Amélia Dominges de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Orgs.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 125-141.

HURTADO, Inmaculada Gómez. Estrategias organizativas y didácticas para atender a la diversidad: una mirada desde el dirección escolar. **Práxis Educativa**, [S.l.], v. 12, n. 22, p. 97- 131, out. 2015.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 10 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014.

MARTINEZ, Miquel. O trabalho docente e os desafios da educação. In: PERIN, Sonia; MARTINEZ, Miquel; ARANTES, Valéria Amorim (Orgs.). **Profissão docente**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2009. p. 41-63.

SANT'ANNA, Ilza Martins; MENEGOLLA, Maximiliano. **Didática: aprender a ensinar**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RANGEL, Mary (Org.). **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 12. Rio de Janeiro: 2007, p. 94-103.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). **Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem**. Curitiba: CRV, 2017.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). **Novas tramas para as técnicas de ensino e estudo**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino: porque não?** 21 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOODS, Peter. **Investigar a arte de ensinar**. Tradução de Maria Isabel Real Fernandes de Sá e Maria João Álvarez Martins. Porto: Porto Editora, 1999.

SOBRE A AUTORA:

Lúcia Gracia Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia; Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos/UESB e Docência, Currículo e Formação/UFRB. E-mail: luciagferreira@ufrb.edu.br

 <http://orcid.org/0000-0003-3655-9124>

Recebido em: 10 de maio de 2019
Aprovado em: 11 de junho de 2019
Publicado em: 01 de outubro de 2019